



Brasília se prepara para garantir a saúde de seus habitantes com equipamentos modernos como estes, instalados no Hospital de Base, todo reformado

SAÚDE

A qualidade enfrenta a demanda

A pressão exercida pelos migrantes na estrutura da Fundação Hospitalar do Distrito Federal é o maior desafio da saúde pública. Brasília é centro de referência em Medicina. Para cá se dirigem pessoas dos mais variados pontos do País, principalmente, dos estados do Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Quanto mais se avança na qualidade de atendimento, maior o número de pessoas de fora em busca de tratamento.

A dificuldade em se administrar este contexto pode ser medida pelo fato de que, no ano passado, enquanto o Ministério da Saúde dava como parâmetro ideal para a cidade a realização de 1,6 milhão de consultas — uma para cada habitante — este número chegou a 4,2 milhões, quase o triplo do estabelecido. Só no Hospital de Base estimativa aponta que cerca de 700 mil pacientes em 1992 eram de fora do DF, representando mais de 50% dos atendimentos de câncer, 40% dos de doenças renais crônicas, percentual idêntico para outras especialidades.

Meca — “Brasília se tornou uma espécie de Meca — cidade sagrada dos muçulmanos, que devem visitar pelo menos uma vez na vida. A diferença é que os que vêm para cá estão em busca de tratamento médico”, compara o secretário de Saúde, Carlos Sant’Anna. Como o Ministério da Saúde não reconhece esta situação, é o GDF que tem de arcar com o custo dos excedentes. Na consulta, por exemplo, 2,6 milhões de atendimentos entraram nesta classificação ano passado.

“Isto não significa que sejamos contra o atendimento de pessoas de fora do DF. Pelo contrário, é princípio do governo atender, e bem, a todos que nos procurarem”, frisa Sant’An-



A rede pública do Distrito Federal sofre a pressão de pacientes oriundos de todas as regiões

na. Para ele, a solução seria o Ministério da Saúde reconhecer que Brasília se tornou centro de referência médica e remunerar todas as consultas e demais atendimentos feitos sem ter por parâmetro o número de habitantes da cidade. “Em São Paulo a pressão dos migrantes também acontece. Mas São Paulo é um Estado rico e o DF sustenta a saúde através de repasses da União”, assinala.

Não fosse por isto, revela o diretor do Núcleo de Planejamento da Fundação Hospitalar, Luis Carlos da Fonseca e Silva, administrar o futuro da saúde em Brasília consistiria em manter a atual estrutura, ampliá-la e melhorá-la à medida que a população fosse crescendo. Com 12 hospitais, 48 centros de saúde, 28 postos de saúde urbanos e rurais, 3.056 leitos em ativi-

dade, 5.598 médicos contratados, a rede consegue cobrir 56% da população, sendo o restante atendido pela iniciativa privada. “Caso só houvesse a rede pública atenderíamos a 98% da demanda dos habitantes”, assinala Silva.

Ampliação — Percentual invejável que será incrementado com a colocação de equipamentos de saúde em Samambaia, a construção dos hospitais do Paranoá e o de Apoio, razão pela qual a Fundação consegue ter uma produção de serviço excedente a 40%. Além disto, ressalta Silva, a saúde em Brasília vem atingindo níveis próximos aos países desenvolvidos, uma situação favorecida pela presença no Plano Piloto e cidades-satélites (à exceção de Samambaia) de equipamentos de infra-estrutura que permitem que 80% da água seja tratada e 73% do esgoto recolhido em rede específica.

Desde 1980 a expectativa de vida em Brasília é de 93 anos, a taxa de mortalidade infantil, que em 80 era de 40 em mil nascidos vivos, em 1991 ficou em 27,3. Dados que somados ao fato de que menos de 1% dos partos são realizados fora de hospitais, enquanto a taxa de natalidade caiu de 42,9 em 1980, para 24,93 em 1991 mostram o esforço do governo para conseguir um serviço de saúde de qualidade.

Buscando atender à gestante, à criança, ao adolescente e ao adulto, a fundação realizou recentemente o seminário “A Saúde no DF — um passo à frente na qualidade”. O evento discutiu os seus problemas e norteará uma mudança estrutural a ser realizada neste segundo semestre. O objetivo é o de otimizar seus recursos humanos e físicos para atender à população e aos migrantes.

NÚMEROS DE MAIO

Folha de Pessoal.....	Cr\$ 1 trilhão
Material de Consumo.....	Cr\$ 170 bilhões
Consultas.....	Cr\$ 348,4 mil
Vacinação e outros atendimentos.....	Cr\$ 596,9 mil
Cirurgias Ambulatoriais.....	Cr\$ 15,2 mil
Atendimentos Odontológicos.....	Cr\$ 35,4 mil
Exames Radiológicos.....	Cr\$ 51,1 mil
Ultra-sonografias.....	Cr\$ 2,1 mil
Exames de Laboratório.....	Cr\$ 292,6 mil
Internações.....	Cr\$ 11 mil

Dados: Núcleo de Planejamento da FHDF